



ISSN 1678-7730 N. 61 – FPOLIS, DEZEMBRO, 2004.

## **FASCÍNIO E TERROR: O SAGRADO**

Dora Maria Dutra Bay

### **Editor**

Prof. Dr. Rafael Raffaelli

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Héctor Ricardo Leis  
Profa. Dra. Júlia Silvia Guivant  
Prof. Dr. Luiz Fernando Scheibe  
Profa. Dra. Miriam Grossi  
Prof. Dr. Selvino José Assmann

### **Editores Assistentes**

Cláudia Hausman Silveira  
Dora Maria Dutra Bay  
Elisa Gomes Vieira  
Katja Plotz Fróis  
Maria da Graça Agostinho Faccio  
Silmara Cimbalista

### **Secretária Executiva**

Liana Bergmann

## FASCÍNIO E TERROR: O SAGRADO

Dora Maria Dutra Bay  
Doutoranda



Bernini '*O Êxtase de Santa Teresa*' (1645-52)

A única atitude espiritual que nos permite ver a possibilidade do sobrenatural e do santo é a humildade. Humildade que se funda, nem mais nem menos, em julgarmo-nos pelo que somos, Santa Tereza de Ávila advertia que a humildade está na verdade. Perdemos a humildade sempre que nos rebaixamos ou nos exaltamos mais que a medida. (Basave, apud Birck, 93, p.53)

## RESUMO

Este artigo trata da questão da natureza do sagrado a partir da abordagem de Rudolf Otto em sua obra clássica, *O Sagrado*. Levanta pontos essenciais visando o entendimento claro da idéia central do autor: o *sagrado*, como um conceito composto e complexo, possuindo intrínsecas relações entre seus elementos irracionais e racionais. O artigo dedica especial atenção à compreensão do *numinoso*, a essência irracional da religião. Apresenta também um quadro demonstrativo dos componentes do sagrados e suas subdivisões. Destaca a abordagem fenomenológica e compreensiva de acesso ao sagrado, abraçada pelo autor, restabelecendo o valor dos elementos irracionais na idéia de um Deus transcendente. Aponta ainda a relevância do legado de Rudolf Otto para as investigações posteriores sobre teologia, filosofia e história das religiões.

Palavras chave: sagrado, irracional, racional, numinoso, sublime.

## ABSTRACT

This article deals with Rudlf Ottos's concept of sacred from his classic book *The Holy*. It highlights esenciales topics aiming at the understading of the author's central idea: the sacred, as a compost and complex concept, has intrinsic relationship between its rational and irrational elements. The article gives special attention to the comprehension to the numinous, the irrational religion's essential, and presents a demonstrative table of the rational and irrational elements and its subdivisions. Also it makes considerations about the author's phenomenological and comprehensive approach of the holy, reaffirming the value of the irrational element in the idea of a transcendent God. In addition it points out Rudolf Otto's significant legacy for further researches about theology, philosophy and history of the religions.

Key words: holy, irrational, rational, numinous, sublime.

Gelar o sangue é alguma coisa de sobrenatural. Qualquer pessoa é capaz de analisar com precisão os estados psíquicos, reconhecer que tal temor não se distingue somente em grau e em intensidade do temor natural e nem é um grau particularmente elevado deste último. É inteiramente independente de todo grau de intensidade. (Otto, apud Birck, 93, p. 72)

Rudolf Otto viveu de 1869 a 1937, na Alemanha. Teólogo, filósofo e historiador das religiões, lecionou Teologia nas Universidades de Göttingen, de Breslau e de Marburg, onde exerceu o cargo de reitor. Participou da vida política como membro do Parlamento Prussiano e da Câmara Constituinte em 1918. Luterano convicto, austero e profundamente dedicado aos estudos, foi apelidado de “o santo” por seus alunos na universidade de Marburg onde criou o acervo, a “Coleção Religiosa”, reunindo informações sobre símbolos, rituais e aparatos religiosos, instituindo um centro de estudos das religiões.

Sua obra capital, *Das Heilige* (O Sagrado), publicada em 1917, constitui-se numa análise, de base kantiana, da essência irracional da religião, o *numinoso*, e a relação deste com seu par, o componente racional. Esta obra, *O Sagrado*, apresenta uma síntese das preocupações filosóficas, fenomenológicas e teóricas já evidenciadas em seus trabalhos anteriores, tais como *Die Anschauung vom Heiligen Geiste bei Luther* (A Percepção do Espírito Santo por Lutero) e *Naturalistische und Religiöse Weltansicht* (Naturalismo e Religião). Da mesma forma, foi decisiva para suas investigações posteriores, como as análises comparativas entre o Hinduísmo e o Cristianismo, *Die Gnadenreligion Indiens und das Christentum* (A Religião da Graça na Índia e o Cristianismo), *West-Östliche Mystik* (Misticismo Ocidente e Oriente) e *Reich Gottes und Menschensohn* (O Reino de Deus e o Filho do Homem).

No exíguo espaço desse comentário não pretendemos esgotar o tema tratado no livro, nem mesmo apresentar um resumo da obra, mas somente levantar alguns pontos essenciais numa tentativa de entendimento da tese do autor. Ressaltamos que adentrar no tema só será possível se nos permitirmos um certo desprendimento da racionalidade que nos cerca, como já o autor nos adverte, e aceitarmos trabalhar com *categorias* que se situam no plano do não-racional que caracterizam o *sagrado*. Acreditamos que tal

desapego não seja de todo improvável, uma vez que ainda contamos com certos *vestígios*, conforme nos explica Franz Brüseke:

A impressionante habilidade que o homem ganhou quando começava aplicar os conhecimentos científicos no campo do trabalho, e o imenso crescimento dos seus conhecimentos na exploração do mundo, contribuíram para o esquecimento gradual mas progressivo das irracionalidades que fundamentam e envolvem o seu fazer. Parece oportuno lembrar daquilo que não está no alcance de nossas mãos e dos nossos cálculos racionalizantes. Lembrar-se é somente possível quando ainda têm vestígios na nossa alma daquilo que esquecemos. Um desses vestígios é um conceito que ainda está presente no pensamento contemporâneo e que nos diz ainda “alguma coisa”, apesar da decadência dos grandes sistemas religiosos; é o conceito do sagrado. (Brüseke, 2000,p.1)

A tese principal do autor é a idéia do *sagrado* compreendido como algo *divino*, diferente de qualquer realidade natural perceptível e que escapa aos processos de racionalização. Já no subtítulo do livro Otto nos assinala o caminho percorrido: uma análise dos elementos irracionais e racionais que compõem o *sagrado*, um conceito composto e complexo, portanto, e as intrínsecas relações que se estabelecem entre eles.

Mircea Eliade, também estudioso das religiões, ressalta que o diferencial do livro de Otto é a originalidade de seu ponto de vista, que oferece um acurado exame da experiência religiosa em si. Uma tal análise somente viabilizou-se em decorrência dos profundos conhecimentos do autor sobre Lutero e do entendimento do significado da idéia de *Deus Vivo*, que inclui o *poder terrível* e a *cólera divina*.(Eliade, 95, p. 15). Elementos estes que, como veremos adiante, estão no cerne da definição de *sagrado*.

Bruno Birck observa que Otto procura trazer para a filosofia da religião e para a teologia contemporânea o elemento não-racional da religião distorcido pela racionalização descomedida dos últimos duzentos anos, justamente o componente que aponta para uma natureza supra-racional. No entanto, não pretende ele excluir a religião do domínio racional, mas realçar sua parte originária não-conceitual, do *Deus inefável*. (Birck, 93, p. 26)

## Os Elementos do Sagrado

Objetivando encontrar uma forma de acesso racional ao *sagrado*, limitado este ao campo do religioso, Rudolf Otto desenvolve um extenso estudo da construção deste conceito nas diversas religiões. Apresentado-o, portanto, como uma *categoria*, de interpretação e avaliação exclusiva e complexa. O termo *categoria* é empregado pelo autor em seu sentido primeiro, como *noção fundamental*. A complexidade do sagrado decorre principalmente de sua composição: o elemento irracional, o *numinoso*, e o elemento racional, o *predicador*. Somente uma imperiosa necessidade racional é capaz de estabelecer a interconexão entre os dois termos, o que acontece pela *esquematização*. Esclarece que por irracional, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, entende o que é singular e não passível de explicação conceitual, parte de uma *obscura profundidade*. Já o racional no sagrado ou divino, é o que o nosso entendimento apreende e interpreta, o que nos é familiar e pode ser explicitado num conceito, campo de *pura clareza*.

### O Irracional no Sagrado - O Numinoso

No intuito de elucidar as características irracionais peculiares do sagrado o autor cria o neologismo *numinoso*, derivado do termo latino *numen*, que significa deidade ou influxo divino. Explica ele que o elemento *numinoso* pode ser identificado como um *princípio ativo* presente na totalidade das religiões, portador da idéia do bem absoluto. Quando se refere ao *numinoso* esclarece que é *"uma categoria especial de interpretação e de avaliação e, da mesma maneira, de um estado de alma numinoso que se manifesta quando esta categoria se aplica, isto é, sempre que um objeto se concebe como numinoso"*. (Otto, 92, p. 15). Desta forma a categoria do numinoso caracteriza-se como algo *sui generis*, não passível de definição explícita, mas sim de observação e descrição, como todo fenômeno originário. A presença do *numen* desencadeia um *estado de alma*, uma reação consciente

que pode ser objeto de análises psicológicas ou fenomenológicas, as quais procuram descrever o sentimento numinoso. Há estreita semelhança entre o numinoso e o *mana*, força divina de algumas religiões primitivas do Pacífico, também amoral e não-racional, e o *orenda*, o poder místico dos iroqueses da América do Norte. Nas palavras do autor:

Quando a alma se abre às impressões do Universo, a elas se abandona e nelas mergulha, torna-se suscetível, segundo Schleiermacher, de experimentar intuições e os sentimentos de algo que é, por assim dizer, um excesso característico e livre que se acrescenta à realidade empírica, um excesso não apreendido pelo conhecimento teórico do mundo e da conexão cósmica, tal como está constituído pela ciência. (Otto, op. Cit., p.188)

Os elementos que compõem a parte irracional do sagrado são descritos pelo autor a partir da reação sentimental que vivenciamos diante do objeto numinoso, uma vez que este, o numinoso, pertence ao plano da experiência vivida, da vivência religiosa. A presença do *numen*, do divino, provoca uma reação emocional denominada de *estado de criatura*, ou *sentimento de ser criatura*, que desencadeia uma espécie de aniquilamento do ser, ou percepção de pura existência. Este sentimento de ínfima criatura frente ao mistério do divino é *experimentado* como se fosse a projeção de uma sombra, oriunda do objeto numinoso, na consciência. É neste momento que estamos perante o *mysterium tremendum et fascinans*, o conjunto de sentimentos que correspondem à apreensão do numinoso. O elemento *mysterium* é a forma; seu conteúdo qualitativo repulsivo é o *tremendum*, pois provoca terror; e o *fascinans*, que exerce fascinação, é o que nos atrai. Birck sintetiza explicando que:

O divino apresenta-se em nosso sentimento como mistério inefável, supraracional. Este ser numinoso, qualitativamente diferente, exerce sobre nós uma estranha harmonia de contrastes: uma repulsão, um terror demoníaco e, ao mesmo tempo, uma atração que fascina e cativa.(Birck, op. Cit.,p.32)

Assim entendemos que o *mysterium* que arrebatava e comovia constitui-se no elemento primeiro, e o sentimento de ser criatura é já secundário, dele decorrente.

O *mysterium* gera três sentimentos, os quais passamos a explicar. O *mysterium tremendum* que em sua forma primitiva faz tremer, causa calafrio. Manifesta-se pelo tremor místico, o grau de maior profundidade e interioridade do sentimento religioso. Este elemento é muitas vezes descrito nos textos bíblicos como a “ira de Deus”, que na forma racionalizada transforma-se na “justiça divina”, punição das transgressões.

O segundo aspecto do *mysterium* é o poder da majestade divina, o *majestas*, também manifestação do *Deus vivo* na experiência religiosa. Representa a superioridade mais absoluta do poder, *tremenda majestas*. Frente ao poder do numen, gera o *sentimento de ser criatura*, de dissolução do ego, pois capta a soberania absoluta do objeto; ao mesmo tempo leva ao *sentimento de plenitude de ser*, plena presença, desenvolvido pelas diversas formas de misticismo, o que o autor denomina *misticismo da majestas*.

O terceiro elemento é a energia do numinoso, a *orgê* ou orgé, que se manifesta principalmente no misticismo e no amor. Caracteriza-se como a energia impetuosa da experiência religiosa, a qual provoca na alma o estado de excitação, de ardor heróico, de impulsividade, é o *Deus que queima*, demoníaco. No entanto, como elemento irracional só pode ser representado por ideogramas que apontem para algo indizível, sendo, portanto a mais completa antítese do deus filosófico, racionalizado e moral.

O autor adverte que estes três elementos, o *tremendum*, o *majestas* e a *orgê*, os quais formam a qualidade positiva do objeto numinoso, encontram-se num plano exterior a nós, e se manifestam através dos sentimentos que chamamos de *mysterium tremendum*. Não esgotam a idéia do *mysterium*; mistério este que pode ser descrito como um *mirum*, a surpresa do que é secreto, incompreensível, inexplicável, que nos paralisa. Para Otto este sentimento numinoso compõe-se de três níveis evolutivos, que são: a simples *surpresa* de algo incompreensível ao conhecimento comum; o *paradoxo* que mostra sua face anti-racional; e a *antinomia*, o grau mais elevado do *mirum* que mostra os enunciados irreconciliáveis e irredutíveis entre si. Desta forma, contraditório e antinômico, o *mysterium* além de incompreensível e supra-racional, apresenta ainda a característica de ser anti-racional, ou seja, incompatível com a razão. É o *totalmente outro* levado ao extremo nas

teologias místicas e também nas idéias *jólicas* de Lutero, originárias do livro de *Job*, do irracional na noção de Deus, e suas investidas contra a “razão prostituta”.

Outro elemento do *mysterium* é o que suscita uma atração especial, típica fascinação, que juntamente com o *tremendum* cria uma harmonia de contrastes. É o *fascinans*, cuja experiência é capaz de maravilhar, seduzir e embriagar, estados descritos através de expressões como “abismo de prazer” ou “delícia sem fim”. Caracteriza-se como o componente dionisíaco do numen, das religiões, capaz de exacerbar-se no delírio. No âmbito do racional este elemento é esquematizado na forma de amor, compaixão, benevolência e piedade.

O elemento do *fascinans*, enquanto valor subjetivo do numen, apresenta dois componentes denominados *augustus* e *sebastus*. O *augustus* ou o *sanctum*, o santo, que expressa a mais alta qualidade do numinoso, a santidade absoluta. A percepção da presença deste valor nos desperta a consciência da profanidade, de não sermos dignos do numen, também do pecado, e da necessidade de buscarmos tal dignidade através da purificação, ou de atitudes espirituais como a humildade. O *fascinans* ainda nos depara com o componente *sebastus*, a indicação da essência do objeto numinoso, que alude à prudência e ao respeito diante de Deus. O *fascinans* e o *sebastus* balizam valores éticos e morais, uma vez que a ética em sua essência é *algo mais* que uma elaboração social ou cultural num momento histórico, é uma racionalização decorrente dos sentimentos que o numinoso desencadeia.

É fundamental esclarecermos aqui que o autor ao descrever os elementos do numinoso procurou apresentar indicações baseadas em analogias, mas não pretendeu caracterizar tal estudo como uma análise conceitual ou mera racionalização reducionista do fenômeno irracional. Nas palavras de Birck:

Otto não quer cair num irracionalismo, mas estabelecer uma doutrina rigorosa, cientificamente válida, mesmo usando símbolos de conceitos em lugar de noções adequadas. Esta doutrina não implica uma racionalização do não-racional, mas visa aplicar com exatidão símbolos, ideogramas, conceitos análogos para captar e

fixar os elementos do numinoso como se manifestam no sentimento. (Birck, op. Cit., p. 59)

O extenso e completo estudo realizado por Otto centra-se em sua concepção do sagrado como uma *categoria a priori*, de base kantiana. Afirma Kant que todo o conhecimento tem início na experiência, ao mesmo tempo em que não é possível comprovar que todo ele seja proveniente da experiência. Há uma diferenciação entre o conhecimento originário das impressões sensíveis, diretas do mundo exterior, o *empírico*, e o que acontece *a priori*, a partir de um estímulo exterior que incita uma capacidade interna de conhecer. Para Otto esta é a uma fonte de conhecimento muito profunda que existe originalmente na alma. Não pode ser considerada independente de dados exteriores ou anteriores às experiências sensíveis, mas coloca-se *nelas e entre elas*, surge a partir delas, indiretamente. É uma *disposição*, ou mais exatamente uma predisposição para o alcance de conhecimentos através dos sentimentos, uma espécie de *fonte ou princípio gerador*, uma forma de conhecimento *a priori*.

O numinoso bem como os sentimentos dele decorrentes pertencem à *categoria de conceitos puros do entendimento*, não originários da percepção sensível, como não o são também as idéias de perfeição, entidade, necessidade e absoluto, dentre outras. Portanto não devem ser tomados por resultado de percepções, ou modificação de percepções em conceitos, mas como uma *faculdade da alma*, um impulso interno. Afirma Otto que existe no ser humano um *instinto religioso*, uma *predisposição da razão humana*, um princípio fundamental que o torna propenso ao sentimento religioso. Esta predisposição para a experiência do sagrado é própria do espírito do homem, caracteriza-se como um conhecimento *a priori* que o torna um *espírito impressionável*, capaz de descobrir e de se deixar cativar, revelar. No intuito de exemplificar, o autor lança mão da analogia com o belo:

Um objeto belo só pode causar impressão pela sua beleza, se existir e na medida em que existe a priori no próprio homem um critério de apreciação pessoal, especificamente um critério estético. Uma tal predisposição só se explica mediante um obscuro saber originário, que tem como objeto o valor do belo. Uma vez que este saber está no homem, ou antes, uma vez que o homem é capaz de ter e formar, está apto a reconhecer a beleza quando se encontra na presença de um

dado objeto que é belo e de sentir que este objeto corresponde ao critério escondido que o homem possui em si mesmo. Tal é precisamente a impressão. (Otto, op. Cit., p. 202/203)

## O Racional no Sagrado

O autor entende por racional, no contexto do sagrado, algo que permite a compreensão direta pelo pensamento conceitual. Algumas vezes apresenta-se como característica conceitual empregada para descrever as divindades, de modo a torná-las claras e acessíveis ao entendimento comum. É aqui que entra em cena o *predicador*, o predicado racional, o atributo que convém como apoio, mas que seguramente não esgota o sentido maior do sagrado. A título de ilustração citamos alguns predicados, dentre os mais utilizados, apontados por Birck: *todo-poderoso, onipotente, espírito, sumo bem e unidade de essência*. Esses atributos são importantes, principalmente para o ensinamento da fé, da doutrina religiosa, mas são *sintéticos*, isto é estão diretamente na dependência de um objeto o qual amparam, mas do qual não captam a essência maior, só percebida na experiência religiosa situada muito além dos enunciados.

Desta forma percebe-se que o elemento racional, o predicado, estabelece a ligação com o irracional, *esquematiza-o*, ambos caracterizam-se como *a priori*, o conceito kantiano de *sentimento puro*. Nas palavras do autor:

Os elementos racionais e irracionais da categoria complexa do sagrado são, portanto, elementos a priori. Os últimos são-no tanto quanto os primeiros. A religião não está sob a dependência de telos (finalidade) nem de ethos (moral) e não vive de postulados. E o que nela há de irracional tem também uma origem independente e mergulha directamente as suas raízes nas profundidades ocultas do espírito. (Otto, op.cit. p.177)

No decorrer evolutivo da história das religiões foi acontecendo uma especial conexão entre os elementos do sagrado; os racionais *esquematizando* os irracionais, *princípios a priori*. Assim que é possível apontar alguns exemplos. O *tremendum*, elemento repulsivo do numinoso e sua correspondente esquematização por meio dos conceitos racionais de

vontade moral e de justiça, da *cólera divina*. O *fascinans*, elemento atrativo, e sua esquematização pelo amor, bondade e misericórdia, transforma-se na *graça divina*. Já o elemento *mirum* passa pela esquematização que o transforma no *absurdo*, o predicado racional das divindades, ao mesmo tempo em que no âmbito da teologia, na investigação e reflexão sobre o *absoluto* ligado ao conceito de Deus, conceito este incompreensível pelo raciocínio. Por sua vez o elemento *mysterium* do numinoso tem por esquema a manutenção do componente irracional, impedindo a religião de se adular em puro racionalismo, ao mesmo tempo em que a conserva longe do fanatismo ou do misticismo exacerbado. Sua função é, pois de harmonização, a qual assegura a *superioridade* de certas religiões em relação às outras; no caso o autor indica o Cristianismo como religião superior, devido a *feliz proporção* existente entre seus elementos, que o leva à forma de *clássico e nobre*.

Otto adverte para o fato de que ao longo da história das religiões houve um excesso de dogmatismo, o qual ocasionou a supremacia do elemento racional sobre o irracional, resultando no racionalismo do *Deus filosófico*. No entanto, faz-se necessário esclarecer a relação entre os dois elementos básicos, pois a religião não é nem puro misticismo, nem puro racionalismo; o sentimento religioso interage com a razão, como por exemplo, na forma de linguagem conceitual que é empregada para exprimir sua vivência, mesmo que não alcance sua totalidade de objeto inefável. A própria história das religiões mostra a constante relação interna existente entre os dois elementos. Um exemplo é a diversidade de divindades criadas pela imaginação ao longo do caminho trilhado pela humanidade.

Novamente recorrendo a Kant, o autor explica que a teoria do *esquematismo transcendental* aplica-se para elucidar a permeação que acontece entre os elementos, ou seja, o numinoso passa por um processo de esquematização através de noções racionais. Assim a descrição do numinoso que se manifesta no *mysterium tremendum et fascinans*, inefável e não conceitual, faz-se através de analogias que apresentam certa aproximação associativa. É importante observar que anteriormente São Tomás de Aquino já havia desenvolvido um estudo sobre o conhecimento de Deus por meio da relação de similitude. A analogia que mais permite aproximação ao mistério é a do sentimento do *sublime*, oriundo do domínio da estética. O sublime caracteriza-se também como uma

*categoria* não passível de análise, por trazer em seu íntimo algo de misterioso, repulsivo e atrativo, fato que o torna similar ao numinoso e adequado ao estudo por analogia.

A *lei da associação de idéias* que permite a analogia pertence ao campo da psicologia; demonstra que idéias semelhantes sofrem atração e provocam o aparecimento de outras igualmente similares. Para o autor o mesmo acontece com os sentimentos, sendo que um sentimento estimula a vibração de um outro, de modo que se torna possível passar de um sentimento ao seguinte, numa forma de transição gradativa. Ocorre um tipo de transferência da realidade do sentimento, uma evolução qualitativa, mas não uma transformação. Desta forma os sentimentos operam por semelhanças.

O sentimento do *sublime* e o do numinoso por suas similaridades excitam-se mutuamente em função de suas competências *a priori*, suas correspondências internas essenciais, inalteráveis e estáveis. A *esquematisação* é o resultado de tal ligação íntima, o que permite a Otto afirmar que *o sublime é o esquema do sagrado*, pois a noção racional *esquematisa* o numinoso irracional, partindo de uma necessidade externa e agindo no interno *a priori*, transcendental. Exemplificando o autor fala da música, esclarecendo que a letra, ou poema musicado é o elemento racional e os componentes sonoros são os não-rationais que se relacionam e esquematizam os sentimentos, os quais provocam emoções que servem de expressão do numinoso. No entanto, o estado da alma que a música proporciona, a forma como ela comove, não pode ser expresso por conceitos, mas interpretado por meio de analogias, de signos lingüísticos.

Outra forma de expressão do numinoso na arte, através do sublime, acontece na arquitetura. Desde a época megalítica gigantescos blocos de pedra, independentes ou ordenados, já se revestiam de sentido mágico-religioso abrigando o numinoso. Da mesma forma as construções monumentais egípcias buscavam ser solenes e grandiosas, capazes de *vibrar a alma*, criando sentimento sublime de expressão numinosa.

O autor aponta como expressão máxima do numinoso na arte ocidental o Estilo Gótico, não somente pela sublimidade que transmite, mas pela impressão *mágica*, um *encanto* que aproxima da *verdade* através do silêncio e da obscuridade, a penumbra que é

mística. Os elementos arquitetônicos que expressam o verticalismo, como os arcobotantes, as ogivas, as torres e os pináculos, juntamente com os grandes painéis de luz e cor, os vitrais, foram largamente empregados para enfatizar sentimentos de elevação aos céus, de procura do infinito e de misticismo nas catedrais góticas.

Igualmente as criações ornamentais chinesas, japonesas e tibetanas influenciadas pelo budismo e taoísmo provocam a impressão de *verdadeiramente mágicas*. Perceptível por todos, independente de conhecimentos anteriores ou origem cultural, este sentimento do *mágico* é uma forma abrandada do numinoso. Também nas pinturas paisagísticas e sagradas da China executadas durante as dinastias Tang e Sung encontram-se imagens de profundos mistérios, a um tempo *velados e revelados*, portadores do conhecimento sublime do Tao. Juntamente com o *silêncio* e a *obscuridade*, o *vazio* e o *nada* orientais, posteriormente levados às últimas conseqüências pelo budismo, são capazes de despertar a impressão do numinoso, uma vez que se caracterizam como *negação*, do real, abrindo lugar a presença do *totalmente outro*: eterno, indiferenciado, perfeito.

A música é a expressão artística que o autor elege como a mais apropriada para anunciar o sagrado. Indica como exemplo o momento mais numinoso da missa, o da transubstanciação, no qual a música se cala, deixando o silêncio ser ouvido dando lugar ao pressentimento do mistério. Aqui ilustra com a Missa em Si Menor de Bach, cuja parte mais mística centra-se no encadeamento de *fugas* que enfraquecem até alcançar o *pianíssimo* que anuncia o mistério.

Otto enfatiza que o *sublime* e o *mágico* da arte, sejam eles manifestados em maior ou menor intensidade, não passam de meios indiretos de representação ou expressão do numinoso, em sua forma *atenuada* e *diluída*. De forma direta o numinoso só pode ser vivenciado pelo espírito quando provocado ou despertado por situações *sagradas* que alterem o *estado da alma*, numa forma de revelação interna, *quando a alma se abre às impressões do Universo, a elas se abandona e nelas mergulha...*

O quadro apresentado abaixo oferece uma visualização esquemática dos elementos racionais e irracionais que compõem a categoria complexa do sagrado.

## O SAGRADO – COMPLEXIDADE DO CONCEITO

<b>S A G R A D O</b>	<b>RACIONAL</b>	<b>IRRACIONAL MYSTERIUM</b>	TREMENDUM	TREMENDUM (Temor)
	↓ ÉTICA			MAJESTAS (Poder)
	↓ MORAL			ORGÉ (Energia)
			FASCINANS	AUGUSTOS (Santo)
				SEBASTUS (Prudência)

### Considerações Finais

Ao demonstrar que a história das religiões se confunde com a história do homem Otto atribuiu ao sentimento numinoso o estatuto de ontológico. Colocou o sagrado antes do ético e para além do racional, definindo sua essência como *numinosa*, portadora de uma ambigüidade que a constitui, a um mesmo tempo *fascinante* e *tremenda*. Deixando de lado os métodos históricos, positivos e explicativos, o autor lançou mão de uma abordagem fenomenológica e compreensiva de acesso ao sagrado, com base na interpretação empática da essência vivida. Alcançou plenamente seus objetivos ao restabelecer o valor dos elementos irracionais na idéia de um Deus transcendente. Elementos estes que estão na mais autêntica e imperscrutável origem do sentimento religioso e que foram paulatinamente sendo relegados ou fragmentados pela secularização das religiões.

A capital relevância do legado de Rudolf Otto para as investigações contemporâneas sobre teologia, filosofia e história das religiões é incontestável. *O Sagrado*, publicado no início do século passado, permanece um clássico e originou incontáveis outras pesquisas. Mais recentemente, numa retomada do tema do sagrado, em contraponto a hiper-

secularização das religiões, encontramos constantes referências a seus estudos em obras de filósofos e teólogos, mesmo que determinadas vezes alguns tenham críticas, pertinentes ou não. Dentre os questionamentos levantados, citamos o de Bruno Birck, que aponta a inviabilidade da aplicação da teoria do esquematismo de Kant para o estudo do sagrado, e defende a idéia de que na verdade Rudolf Otto serviu-se do método fenomenológico de descrição para analisar a experiência religiosa.

Igualmente seu pensamento está bem presente nas investigações de estetas e outros teóricos envolvidos no debate filosófico em torno das afinidades existentes entre as estruturas internas da arte e da religião; relações estas que apontam para o campo de hierofanias artísticas, isto é, a revelação de algo sagrado na obra de arte.

Uma das significativas repercussões dos estudos de Otto é a que pode ser constatada nas investigações do Círculo de Eranos, do qual foi fundador, juntamente com Olga Fröbre-Kaptein, e Carl G. Jung. Consta inclusive que o nome Eranos, que em grego significa “comida em comum”, numa clara alusão a Platão, foi por ele sugerido à época da criação do grupo. Embora seja considerado “padrinho” de Eranos, Otto nunca chegou a participar das Conferências devido à doença que o acometeu. No entanto os desdobramentos de sua abordagem fenomenológica de acesso ao sentido da realidade e da existência, levaram os erosianos à criação de uma Hermenêutica dos Sentidos e atestam a permanência de suas reflexões no centro desse grupo pioneiro em estudos interdisciplinares. Sua influência pode ser percebida em Carl G. Jung, na construção do conceito de arquétipo, entendido como estrutura simbólica do inconsciente coletivo e como urdidura do sentido, quase numen, portador de energia numinosa. Nota-se o alcance de suas idéias também nos estudos de Henri Corbin, Mircea Eliade, Walter Otto, Karl Kerényi e Gilbert Durand, centrados no pensamento mítico-místico, um dos pilares de sustentação do Círculo de Eranos.

## Referências Bibliográficas

1. BIRCK, Bruno Odélio (1993) *O Sagrado em Rudolf Otto*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
2. BRÜSEKE, Franz Josef (2000) *Formas Irracionais de Pensar: o Pensamento Místico*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis: CFH/UFSC.
3. ELIADE, Mircea (1995) *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes.
4. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (1974) 15th edition, Chicago: H. H. Benton Publisher, Volume 13, páginas 769-770.
5. ORTIZ-OSÉS, Andrés (1986). El Círculo de Eranos: Origen y Sentido, in *Una Hermenéutica Simbólica Del Sentido*, Anthopos n.153. Barcelona: Editorial del Hombre.
6. OTTO, Rudolf (1992) *O Sagrado. Sobre o Irracional na Idéia do Divino e sua Relação com o Irracional*. Lisboa: Edições 70.

## Referência Iconográfica

1. Gianlorenzo Bernini. *O Êxtase de Santa Teresa* (1645-48), mármore em tamanho natural. Igreja de Santa Maria da Vitória, Roma, Itália.  
Fonte:HOVING, Thomas. (1997) *Greatest Works of Art of the Western Civilization*. New York: Artisan/ Workman Publishing Company.



## NA FRIEZA DA PEDRA, O ÊXTASE DA ALMA

Uma coisa é acreditar na existência do supra-sensível, outra é fazer dele uma experiência vivida; uma coisa é ter idéia do sagrado, outra é percebê-lo como um fator activo e operante que se manifesta através de sua acção. (Otto, 92, p. 185)

A escultura *O Êxtase de Santa Teresa* é o ponto de maior interesse da Igreja de Santa Maria da Vitória, em Roma. Localiza-se na Capela Cornaro, encomendada e patrocinada pelo cardeal do mesmo nome, construída entre 1645 e 1652. Criada por Gianlorenzo Bernini, o grande mestre do Período Barroco Italiano, a capela é considerada a peça mais deslumbrante do barroco religioso. O conjunto pode atualmente ser visto como uma obra multimídia, pois envolve componentes da arquitetura, escultura e pintura, além da ação do meio natural. Do ponto de vista estilístico, estão aí presentes algumas características barrocas evidentes, tais como a composição em diagonal, a movimentação e síntese das formas, o drapejamento, os acentuados contrastes de luz e sombra, bem como o realismo e a intensificação dos sentimentos.

A escultura representa a experiência mística da religiosa espanhola Santa Tereza D'Ávila, que no século XVI defendeu a reforma da Ordem a qual pertencia, criando a primeira instituição das Carmelitas Descalças. Mostra o momento no qual um anjo crava em seu coração a flecha do amor divino. Sabe-se que Bernini debruçou-se sobre os relatos deixados por ela narrando o acontecimento, de modo a tentar melhor materializá-los na escultura.

A figura escultórica representando Santa Teresa encontra-se colocada em um nicho central, sobre o altar ricamente decorado, rodeado de personagens da família Cornaro, representadas em relevo. A luz natural do dia, filtrada através de uma abertura na extremidade superior da capela, incide sobre as figuras da santa e do anjo, iluminando Teresa de modo a ressaltar a expressão de êxtase. Seus olhos fechados acentuam um certo ar de prazer orgástico que resplandece em sua face. No entanto, distante do carnal, este prazer representa o supremo êxtase da santa, sua transposição para o paraíso espiritual, a união da alma com o espírito divino. Frente à obra tem-se a impressão de que os escritos da santa devem verdadeiramente ter tocado os mais profundos recônditos da imaginação e da emoção do artista. Os sublimes sentimentos da experiência mística estão magistralmente cinzelados na mais fria e dura condição natural do mármore. A obra é quase uma epifania...

Artigo entregue em 30 de novembro de 2004.

Dora Maria Dutra Bay